

COLEÇÃO
DE -
PESSOAS

ANTÓNIO PEDRO LOPES

- -

BERNARDO DE ALMEIDA

- -

GABRIELA CUNHA

- -

de

CATARINA SARAIVA

- -

Raquel
-André

MARINA PREGUIÇA

- -

ODETE

- -

TÂNIA RAMOS

- -

JOSÉ CAPELA

- -

MIGUEL BRANCO

- -

ANA VEIGA RISCADO

- -

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

Coleção de Pessoas
de Raquel André

AUTOR_S

Ana Veiga Riscado
António Pedro Lopes
Bernardo de Almeida
Catarina Saraiva
Gabriela Cunha
José Capela
Marina Preguiça
Miguel Branco
Odete
Raquel André
Tânia Ramos

REVISÃO & TRADUÇÃO

Judite Canha Fernandes

PRODUÇÃO

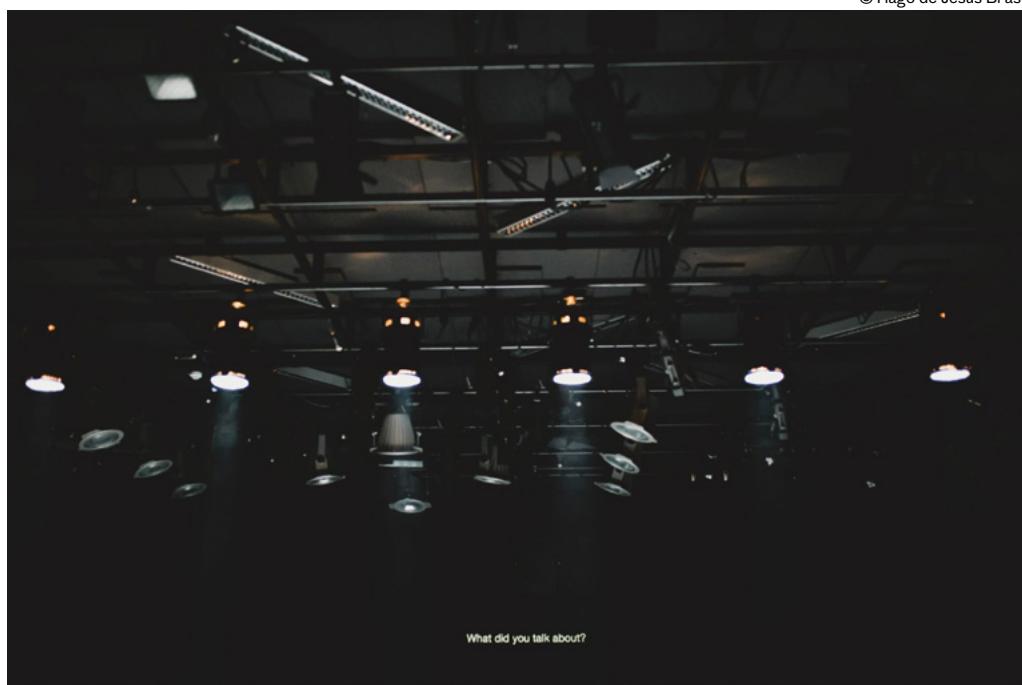
Missanga

DESIGN

Pê · www.p-e.pt

[ENTRE]

RAQUEL ANDRÉ



©Tiago de Jesus Brás

What did you talk about?

Há pouco, reencontrei uma das primeiras pessoas que colecionei. Foi no Uruguai, oito anos depois do nosso encontro. De repente, ele dirigiu-se a mim e a vertigem do encontro aconteceu, de novo e com a mesma pessoa. Tive dificuldades de recordar-me do seu nome, mas quando o ouvi tudo veio à memória. Ele não tinha esquecido o meu nome. Contei-lhe, agora, em 2022, que aqueles encontros mudaram a minha vida, quem eu sou, como vejo o mundo e como quero viver nele. Disse-lhe que o projeto chama-se ‘Coleção de Pessoas’ e que tem quatro Coleções: Amantes, Colecionador_s, Artistas e Espectador_s. Rimos, meio surpresos, meio felizes, meio sem saber o que fazer, *entre* uma vontade imensa de falar sobre quem somos agora e uma vontade, igualmente imensa, de recordar como foi aquele encontro em 2014 num apartamento no Rio de Janeiro. Este reencontro inesperado não foi fotografado, fica aqui registado, neste texto editorial desta pequena publicação. Acho que esta publicação é isso, mais uma forma de guardar pessoas, de guardar encontros, de dar espaço, tempo, voz, sentidos, a tanta coisa que cada um_ de nós somos, vivemos, desejamos. Após oito anos de encontros, viagens, desencontros, ideias, criações, reuniões, estudos, tactos, continuo nessa busca do *entre*, continuo com a mesma vontade — talvez mais afiada — de encontrar maneiras de guardar o que acontece *entre* duas pessoas. O que está *entre* mim e ti, o que acontece *entre* uma coisa e outra, o que fica *entre* um segundo e outro, o que se guarda *entre* o que vive e morre, vive e morre, lembra e esquece, aparece e desaparece, é e não é, já foi. Para esta publicação, convidei pessoas que estiveram *entre* estes encontros, pessoas com quem trabalho, com quem penso, com quem me encontrei, com quem colecionei, com quem chorei e me emocionei, com quem desejo futuros, com quem guardo histórias. Obrigada a cada um_ de vocês. E obrigada a todas as outras — faltam tantas aqui. Convido-te a entrar nestas páginas, a navegar nelas, a rasgá-las *entre* uma coisa e outra — que seja um *entre-encontro*. Continuarei por aqui, *entre* eu e tu, *entre* histórias e vertigens, *entre* quem eu sou e o que é colecionar pessoas.



©António Pedro Lopes

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

ANTÓNIO PEDRO LOPES

BERNARDO DE ALMEIDA

GABRIELA CUNHA

CATARINA SARAIVA

MARINA PREGUIÇA

ODETE

TÂNIA RAMOS

JOSÉ CAPELA

MIGUEL BRANCO

ANA VEIGA RISCADO



©António Pedro Lopes

ANTÓNIO PEDRO LOPES

A PARTIR DE UM LUGAR DE AFETO, DEIXEI-ME SER COLECIONADO

1

Colaborei com a Raquel André de 2015 a 2021. Primeiro como responsável de comunicação, depois como co-criador artístico. Durante esses sete anos, da ‘Coleção de Amantes’ à ‘Coleção de Espectador_s’, trabalhámos sobre a construção de uma voz artística singular e a criação de uma voz próxima, biográfica, ficcional, poética, ativista, feminista e politizada.

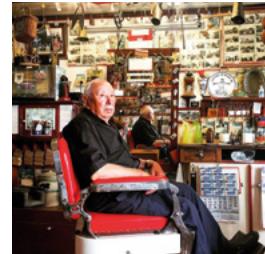
Descobrimos que a Raquel, ao iniciar o movimento de ir ao encontro d_outr_para conversar e atravessar uma experiência junt_s, ganhava a dupla responsabilidade de guardar as histórias d_s outr_s e de contá-las. As histórias oprimidas, fechadas, secretas. Aquilo que não se diz, aquilo não se pode dizer. A Raquel guarda uma grande caixa de histórias, histórias que foi acumulando a par e passo com o desenrolar da sua própria história pessoal e artística. Essas histórias foram sendo processadas através de práticas documentais e de arquivo, em que a biografia se cruza com a ficção através de listas, estatísticas, entrevistas, ações, instruções, dando origem a verdadeiras constelações humanas sempre em acumulação.

Artisticamente a casa da Raquel é o teatro, mas foram os programas específicos de cada coleção de pessoas que informaram os meios a utilizar no processo criativo e a sua relação com a forma dos produtos finais. Sim, chegámos sempre a espetáculos. A formas vivas, infinitas, a escritas temporárias que só falam sobre e até ao momento de determinada acumulação e respetiva composição

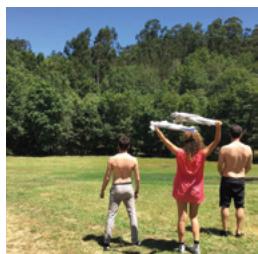
ANTÓNIO PEDRO LOPES



© Nuno Gervásio



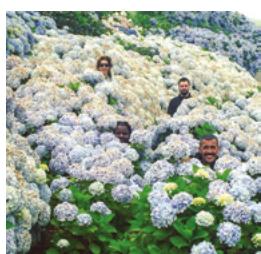
©Diogo Lima



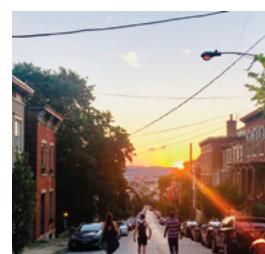
© DR



©Filipe Ferreira



© António Pedro Lopes



© António Pedro Lopes



© António Pedro Lopes



©DR

ANTÓNIO PEDRO LOPES

desse material para ser partilhado. Mas chegámos também a performances, exposições, publicações, conferências, vídeos, oficinas, websites, ações, instruções, programas de televisão. Cada forma existe sempre em relação a outra peça, tal como vale por si, ainda que haverão outras pessoas para colecionar e, por isso, mais histórias para contar. Dentro de cada forma existe movimento, alteração e novas combinações acontecem, e novas questões emergem, mantendo o projeto ligado à espuma dos dias e ao espírito do tempo.

A Raquel é a colecionadora, a amante, a artista e a espectadora. É a mulher, a doméstica, a investigadora, aquela que coleciona pessoas e as guarda como elementos de uma coleção. É a artista que pensa em composição, em contar uma história, que vive a precariedade do setor da cultura, que pensa todos os dias na sua sobrevivência, da família, da sua equipa e n_s filh_s que quer ter. É a espectadora que se formou a ver, a ler, a participar, a estar presente. Colecionar é uma forma de continuar viva, de ganhar âncoras e ter asas, encontrar n_ outr_ um espelho, mas também para partir dos cacos procurando pensar uma reforma ou uma mudança qualquer de paradigma. E nessa performance ela é apoio, é atenção, é tempo, é ombro, é aluna, é encenadora, é uma criadora de espaços. É essa a performance que ela guarda. Guarda-a com provas de que lhe foi transmitida por alguém. Para ela, a vida é uma performance e a performance é uma prova de vida.

As suas coleções criam comunidades temporárias de afetos. A comunidade A que participa diretamente e que é colecionada, e a comunidade B que é espectadora, leitora, visitante, mas que também é colecionada. Comunidades anónimas, comunidades com nome próprio e morada, comunidades artísticas, comunidades de voz, corpo e biografias inteiras que se juntam a ela em palco e na escrita dos projetos. Com cada comunidade ela estabelece um contrato claro, chama-lhe “programa” e designa o que é que acontece no momento do encontro e partilha nas diferentes instâncias. Cada programa carrega uma pergunta-gatilho e uma ação

1

ANTÓNIO PEDRO LOPES



© DR

ANTÓNIO PEDRO LOPES



© António Pedro Lopes



© DR

© Bernardo de Almeida



ANTÓNIO PEDRO LOPES

conjunta. Perguntas sobre intimidade, memória, transformação e alteridade. Ações como fotografar-se junt_s, uma entrevista, o presentear de um objeto, aprender uma rotina artística, resgatar para o presente um momento artístico transformador. Ora de um_ para um_ em apartamentos desconhecidos, ora com uma equipa de trabalho em casas que guardam milhares de objetos e memórias, ora até em estúdios, universidades, teatros ou escritórios, a aprender com outr_s artistas e outr_s espectador_s. Colecionar _outr_ é sempre um momento de atenção partilhada, um pacto de confiança, um acordo entre partes, uma história de consentimento.

Mas antes de tudo, para mim, a Raquel André é um amor e uma amiga. Daquelas de dar e receber. Que desafia e tira o tapete. Provocar para construir, a partir de um lugar de afeto. Quero partilhar, por isso, uma cronologia possível de momentos que atravessei com ela e que quero guardar na minha coleção pessoal da ‘Coleção de Pessoas’. Para que fique escrito e escape ao esquecimento, sete histórias de 2012 a 2020 e uma história- não- história que se repetiu múltiplas vezes ao longo desse período.

ANTÓNIO PEDRO LOPES



© Vera Marmelo



© Vera Marmelo

© António Pedro Lopes



1

ANTÓNIO PEDRO LOPES



© DR

COLEÇÃO PESSOAL DA COLEÇÃO DE PESSOAS

2012

Casei-me. Casei-me em duas cidades: Lisboa e Rio de Janeiro. No Rio, a Raquel encontrou e ofereceu a casa para a cerimónia, o Galpão Gamboa, lugar onde trabalhava. Porque sim, porque numa noite, por acaso, nos encontrámos numa esquina da Lapa. Ela foi madrinha de uma festa de champanhe, amendoins e purpurina. Confessou-me depois que não foi aquela esquina que nos apresentou, pois já me conhecia das sessões de Composição em Tempo Real, do coreógrafo João Fiadeiro, no Atelier Re.Al em Lisboa. Tinha-me guardado na memória como um improvisador assustador. Eu metia-lhe medo. Ri. Afinal de contas, sem sabermos, aquela esquina mais que um altar para o meu casamento guardava um futuro partilhado, e portanto, uma verdadeira reviravolta nessa história de eu ser assustador.

2014

Um festival de funk no Sambódromo do Rio de Janeiro: Rio Parada Funk. Um domingo com 1 KM de paredes de colunas de som, cacofonia quaternária e bass. Uma festa negra, da favela, de um movimento musical e artístico que caracteriza a cidade maravilhosa: o funk carioca. Nessa festa, um artista extraordinário com dois microfones, boné, olho azul e uma performance eletrizante. Depois dessa descoberta, um jantar na Lapa, na casa da Raquel, perto das escadas do Selarón, com vista para o centro da cidade. O programa do jantar era entender o objeto de pesquisa da Raquel no Mestrado de Artes Performativas da UFRJ e entrar no mundo da ‘Coleção de Amantes’. Vai que o artista do Rio Parada Funk era um vizinho seu, e que era a pessoa que desencadeou o desejo de entrar nas casas d_s outr_s e habitá-las com a pergunta “o que é a intimidade?”. Ela conta depois essa história no espetáculo, prova de que estamos todos ligados numa trama platônica de coincidências. Um dia, o tal artista e vizinho sentou-se connosco

a beber caipirinhas num bar em Ipanema, e que eu saiba ela ainda não entrou na casa dele.

2015

Comecei a dar apoio à comunicação de ‘Coleção de Amantes’, na senda da estreia do espetáculo no Teatro Nacional Dona Maria II. Sou colecionado pela Raquel num apartamento do Bairro Alto, em Lisboa. Sou o amante 69. Passei da comunicação à colaboração criativa, com o tempo partilhado com a Raquel e o Bernardo. Fomos ao festival Walk&Talk, na minha cidade de Ponta Delgada, para colecionar amantes, revolver a ilha (e cantá-la) num “carro preto” e apresentar um trabalho em progresso. A coleção ganhou em número de amantes, entre mergulhos em águas quentes e o estado alterado induzido pelas quatro estações em um só dia dos Açores. Antes mesmo de existir espetáculo, o projeto já era notícia no jornal, e de repente, Portugal ganhava no imaginário uma mulher, uma artista que colecionava amantes. Daí fomos ao festival Citemor, em Montemor-o-Velho, onde a Raquel encontrou uma casa a abarrotar de gente no Teatro Esther de Carvalho. Muita gente com perguntas, muita gente querendo entender melhor os métodos da colecionadora, e cada vez mais gente a saber da colecionadora que coleciona intimidades.

2016

A Raquel ganhou a bolsa Isabel Alves Costa, das Comédias do Minho, para desenvolver em residência artística o espetáculo ‘Coleção de Colecionador_es’. Colecionar tornava-se um mote para encontrar mais pessoas, e uma viagem que teria mais duas coleções futuras, uma de Artistas e outra de Espectador_s. Desta vez, _s colecionador_s eram pessoas que colecionavam coisas: objetos, plantas, arte, discos, peças de roupa, figurinhas de Star Wars ou de Fátima. Mudámos para Paredes de Coura. Numa carrinha de nove lugares, e com a companhia quase diária do Vasco, entrámos pela casa d_s colecionador_s para entrevistá-l_s, para conhecer as suas coleções, e depois apresentámos o espetáculo Minho afora, de agosto a dezembro, em Valença, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura, Monção e Melgaço. No espetáculo, o exercício de entrevistar colecionador_s foi apontado para a Raquel. Filmámos-lhe. E aí, ela

ANTÓNIO PEDRO LOPES

desarmada, acabada de sair do banho, tornava-se objeto da sua própria coleção. Esse material viria a integrar o espetáculo, que se tornava uma emocionante viagem pelo lugar da memória nas nossas vidas. Este é um processo criativo que me é muito querido. Foi quando a Raquel passou de ser a mera voz para ser a porta-bandeira de uma comunidade singular e super humana. Vimos o Minho arder violentamente. Anunciávamos à antiga, e com um megafone na carrinha, a chegada do espetáculo aos diversos salões comunitários, casas do povo e teatros. Batemos a região inteira, e a cada espetáculo, a Raquel pedia aos espectador_s um objeto que lhes fosse especial e contasse uma história sua. Entre dinheiro (muitas moedas), isqueiros, cartões de visita, peças de roupa, guardo especialmente três objetos: o dente da cadelha Daisy, dado por uma família fofa que trouxe as filhas ao teatro; o isqueiro de fogão que uma mãe usava para acender as velas da campa da filha, quando lhe visitava no cemitério; a foto da filha de uma mãe que não via a própria filha há mais de dois anos. Guardo o momento em que nos espetáculos a Raquel depois de receber os objetos d_s espectador_s, os apresentava a toda a audiência, sempre com um nó na garganta de comoção, sem saber como nomear a confiança e generosidade do que lhe tinham oferecido.

2017

Fomos a Manaus, no estado do Amazonas, no Brasil. Fomos acolhidos pelos Silveira Libertini: a Deuza, o Paulinho, a família do Ricardo Libertini. Uma família que nos abriu os braços e nos deu casa. Casa que se transformou num lugar para o teatro, o Grupo Garimpo dirigido pelo Ricardo. Aqui a Raquel encontrou amantes, descansámos no jardim tropical, vimos aviões passar e paraquedistas caírem do céu e apresentámos uma conferência da 'Coleção de Pessoas'. Daqui saímos para a cidade e para a floresta para descobrir um mundo de peixes e frutas maduras, sempre com a Deuza e o Paulinho, os pais do Ricardo, que eram condutores, produtores, espectadores, amantes, amores. Foram e estiveram connosco em todas, do café da manhã ao final das noites quentes, naquela casa-teatro que recebia os encontros e a apresentação. Desde o início das coleções que há uma pergunta-chave: "o que é que é casa para ti?". Na casa dos Silveira Libertini, casa quer dizer afeto,

abraço e o que for preciso, e isso é absolutamente transformador porque fica-te inscrito para a vida na história da amizade. Em 2021, soubemos via Ricardo que tínhamos perdido o Paulinho para o covid-19, durante a crise de falta de oxigénio nos hospitais da cidade, mundialmente noticiada durante a crise sanitária. Os Silveira Libertini preparavam-se para devolver a visita a este lado do charco, à "terrinha", como muitos brasileiros gostam de chamar o nosso jardim à beira-mar plantado. Engolimos em seco, chorámos, mas tenho a certeza que o Paulinho viverá numa história de amantes contada pela Raquel, e que este é um daqueles itens da coleção da vida que guardaremos para sempre.

2018

Um ataque terrorista em Cincinnati matou sete pessoas em frente ao Contemporary Arts Centre (CAC), em Cincinnati. O espetáculo 'Coleção de Amantes' tinha data de estreia norte-americana nesse dia na Blackbox. Depois de um cancelamento equacionado — a cidade estava em estado de choque — o CAC decidiu avançar com o espetáculo, afinal de contas a proposta artística realçava a importância do amor e do encontro, a partir do lugar do teatro. Durante o ensaio, o fumo da cena final fez disparar os alarmes, obrigando dezenas e dezenas de funcionários a evacuar o edifício, e a uma intervenção de bombeiros vestidos de astronautas. Mas porque era a América, e venha uma experiência nova, recebemos um e-mail de um milionário que queria oferecer uma apresentação exclusiva do espetáculo à sua esposa, como prenda de aniversário de casamento. Isso mesmo, um espetáculo só para duas pessoas. Eu fiz de *manager*, negociei as condições, convenci a equipa, pedimos autorização ao Drew Klein (curador de Artes Performativas) e assim foi. Depois de um crime hediondo à porta do teatro, uma data extra. Um espetáculo exclusivo para um casal comovido, juntinho e apaixonado, de mãos dadas e, finalmente, a estreia para uma sala cheia, a precisar de fazer valer o poder regenerativo da arte e da cultura.

2020

A pandemia covid-19 tirou-nos o chão a tod_s. A ti também que chegaste até este ponto do texto. Eu sei, sabemos tod_s. Acabaram-se as tours, cancelaram-se espetáculos, adiou-se a vida. E depois

ANTÓNIO PEDRO LOPES

do congelamento generalizado de tudo, procurou-se reinventar e reescrever o futuro, em busca de sobrevivência pessoal e de contínua inscrição artística. O isolamento radical, a interconexão extrema, a experiência online de distração, solidão e as constantes interrupções e cortes de ligação expuseram os limites cíntenos entre as esferas pública e privada. A casa ressignificou-se e tornou-se o palco de todos os espetáculos, enquadrados entre o que é visível e invisível, o que é trabalho e o que é lazer, o que é esperar que a vida volte e continuar, dê por onde der. Passámos de partilhar o tempo e o espaço, para só partilhar o tempo, e tornámo-nos definitivamente atores e espectadores simultaneamente e em todas as situações. De repente, todas as questões que norteiam a ‘Coleção de Pessoas’: o que é intimidade? o que guarda um objeto? o que significa ser artista? quem é _spectador_? foram colocadas em crise porque já nada era como dantes. Estamos em pleno processo de criação da ‘Coleção de Espectador_s’ quando a Raquel ganha um projeto da rede BeSpectative! para ser a artista que pensa nas celebrações do Dia Europeu D_Espectador_s. Criámos um projeto para o online e para o Centro Cultural da Malaposta. Montamos um site com instruções, uma série de conversas, uma exposição, uma oficina, um festival d_Espectador_. Nesse festival, dezenas de espectador_s de toda a Europa partilharam generosamente experiências de transformação com as artes e a cultura. A experiência foi comovente. A capacidade de reinvenção e sobretudo o espaço mental para continuar a conversar e manter aceso o desejo de encontro continuaram vivos, acontecesse o que acontecesse, nem que tivéssemos que experimentar fazer coisas que nunca fizemos antes e mudar de *medium* artístico perante a impossibilidade da co-presença.

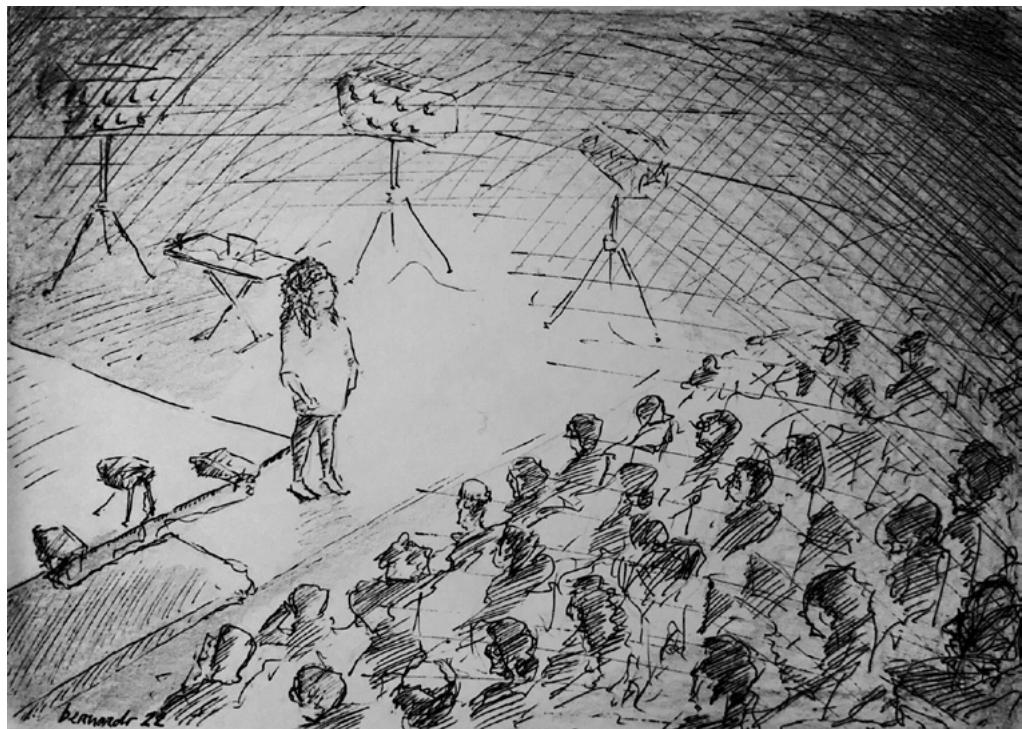
2015–2021

Em sete anos, ouvimos por Portugal inteiro e mundo fora, nas digressões das coleções e nas residências artísticas, múltiplas histórias de violência doméstica e do flagelo da desigualdade de género. A cada anúncio mediático, principalmente da ‘Coleção de Amantes’ nos seus múltiplos formatos (espetáculo, exposição, televisão e livro), foram incontáveis os assaltos machistas e misóginos de trolls com nome próprio, que mandaram mensagens abusivas e

fizeram comentários ofensivos. Esse hiato de tempo foi também o suficiente para a Raquel ganhar força, coragem e a articulação necessária para se afirmar enquanto mulher, artista e feminista. Eu estive ali inúmeras vezes, como mediador, interlocutor ou mero ouvido, o que foi para mim uma importante lição e motor para entender um bocadinho mais sobre colocar-me na pele d_outr_. Ser mulher, questionar e estar na linha da frente faz tremer o patriarcado e a confiança de outras mulheres vestidas de medo. Aprendi também que não há nada que a resistência, a prática do amor (e do amar), e o convite renovado para ser-se colecionado através de uma conversa e de um encontro, não possam mudar. Passo a passo, para a frente e tantas vezes para trás, como um exercício que percorre a vida toda, toda, toda — mudando a língua, expondo, discutindo, promovendo espaços de visibilidade, contando histórias, dando espaço para outras vozes, e àquilo que o tempo nos for ensinando que é preciso aprender a fazer, para o mundo ser realmente mais justo e igualitário. Com ela, eu aprendi muito sobre isso, e aprendi também que as páginas dessa história não começaram senão a ser escritas agora mesmo.

2

BERNARDO DE ALMEIDA



2

BERNARDO DE ALMEIDA

© António Pedro Lopes



QUANTA SENSIBILIDADE

3

GABRIELA CUNHA

Conhecer a Raquel André foi ter a oportunidade, transformada em benção, de respirar com ela outra forma de vida, outra forma de ver o mundo e de o viver, através da pele, da respiração, das coleções e, assim, da humanidade que nos une.

Quando o nosso encenador Gonçalo, (TAC – Comédias do Minho), perguntou ao grupo, naquele início de ensaio, se alguém era colecionador, nunca me ocorreria responder que sim. Nunca o fui e tenho raiva a quem o é (brincadeirinha... não me assiste essa raiva).

No entanto, após alguns minutos em que uns e outros iam desenrolando as suas prediletas coleções, por exemplo de flores, lembrei-me que, sem voluntariamente os colecionar, na verdade tinha já formado uma boa coleção de livros de Inteligência Emocional ao longo dos anos.

E foi assim que me tornei uma das colecionadoras de coleções da ‘Coleção de Colecionador_s’. A Raquel André, e os seus fantásticos colegas, visitaram a casa onde vivia na altura, conversámos naquela entrevista, e pude repensar-me nas respostas que ia dando às questões que iam sendo colocadas... Foi um prazer, pois ao revisitá-los colecionadores, neste caso, que o não são, a Raquel permitiu-nos reenquadrar-nos a partir dos objetos que íamos alimentando. Quanta sensibilidade.

3

GABRIELA CUNHA

collectionofspectators.com/pt/instructions/canta-me-uma-cancao/gallery/4/

Gabriela Cunha

Mindelo, Portugal

OM Namah Shivaia

Ver no YouTube

FECHAR x

O ARQUIVO POLÍTICO DE RAQUEL ANDRÉ

4

CATARINA SARAIVA

Quando me convidaram para escrever este texto, a propósito da conferência de inauguração da ‘Coleção de Pessoas’ no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, eu estava de férias, no outro lado do Oceano Atlântico, precisamente na mesma cidade onde tudo começou para a Raquel, o Rio de Janeiro. Não há coincidências na vida, e esta é mais uma chamada de atenção sobre a importância das conexões. A pergunta que me lançaram “o que para ti pode significar este gesto de colecionar nas artes performativas” foi ao âmago de uma problemática que me interessa muito nas artes cénicas: o ato de arquivar como uma das formas de expor a produção de conhecimento nas artes.



4

CATARINA SARAIVA





4

CATARINA SARAIVA



O projeto ‘Coleção de Pessoas’ de Raquel André tem o potencial do atual que Bojana Kunst descreve no seu artigo ‘On Potentiality and the Future of Performance’, isto é, não tendo consciência do seu potencial, cria a possibilidade do mesmo. Raquel revela o ser humano como um ser histórico (um ser no tempo) e, como diz Kunst, onde temos atualidade, temos potencialidade.

Quando Raquel se propôs a fazer uma peça sobre situações de intimidade, iniciou, ao mesmo tempo um arquivo antropológico do ser humano, algo que certamente será interessante analisar no futuro como uma amostra das vivências e experiências humanas em sociedade.

4

CATARINA SARAIVA

Raquel certamente não pensou nisto quando estava a criar ‘Coleção de Amantes’, mas sentiu uma vontade grande de falar de intimidade num tempo em que a questionava (sem saber que existiria um futuro de pandemia onde esta seria muito mais questionada). Nos seus vários encontros, experimentou distintas formas de se relacionar enquanto mulher branca europeia com vários amantes possíveis, expondo-se à possibilidade da brutalidade da intimidade, ao mesmo tempo que criava um arquivo sensível de sentimentos e contextos que foram trazidos por cada pessoa que colecionou.

Neste caso, vejo neste gesto e nesta vontade da Raquel, não só um desejo de fazer uma peça, mas, essencialmente, o desejo de arquivar um momento íntimo — um ato político, provavelmente duas coisas que apareceram ao mesmo tempo na ‘Coleção de Amantes’.

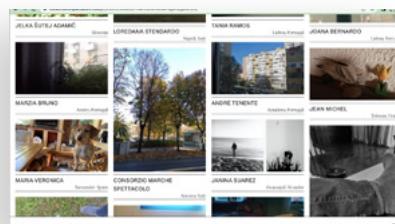
Como a própria já disse muitas vezes, a ‘Coleção de Amantes’ deu espaço à ‘Coleção de Colecionador_s’, porque ela própria se deu conta que era uma colecionadora, mas, mais do que isso, Raquel é uma artista e jogou com o material que tinha em mãos para fazer um jogo cénico, mais do que um jogo antropológico. E daí colocou-se num outro campo de questionamento, na sua condição de artista como seria possível colecionar artistas, considerando já, muito seriamente, a impossibilidade de arquivar o efémero mas também

4

CATARINA SARAIVA

agora	ver
Manifesta-te	participar ver
Canta-me uma canção	participar ver
Guarda uma coisa minha	participar ver
Eu quero falar contigo	participar ver

[coleção/inspetador_a](#) [Instruções](#) / [Sobre](#) / [Coleção de Pessoas](#) / [Notícias](#) : 4



[coleção/inspetador_a](#) [Instruções](#) / [Sobre](#) / [Coleção de Pessoas](#) / [Notícias](#) : 4

"E a miúda estava só fixada naquela artista a tocar violoncelo na sua sala de aula. Eu fui lá e eu comecei a achorar completamente."	"I just love listening to all of the different sounds voices can make. I think there is something about the tone of her voice."	"Um edifício de dois andares, com música alta ensurdecedora, que ficava no ar, um sítio aparentemente assustador, terrorífico."	"Czechoslovakia was at that time still communist, and actually to be part of something as international as that was something really fascinating"
AFONSO ARELLA Lúcia Pires	ANNA KOTYNA Lúcia Pires	LUIS FAUSTINO Lúcia Pires	
"Se bem que não era a primeira vez que ia até Cabo Verde, só que eu conhecia o Tarrafal, o campo de concentração, mas não dessa forma."	"It was my first experience as spectator, by my own, like I really wanted to go by myself and I did it."	"I don't cry very much in the theater but in that show I cried from the first moment till the last one. It was really heartbreakening for me. At the same time, there was joy in	
MÁRCIA BRUNO Lúcia Pires	JEAN MICHEL Lúcia Pires	MAURÍCIO SOARES Lúcia Pires	

[coleção/inspetador_a](#) [Instruções](#) / [Sobre](#) / [Coleção de Pessoas](#) / [Notícias](#) : 4

4

CATARINA SARAIVA

© Afonso Sousa



a necessidade de considerar a precariedade desta profissão, a sua condição de mulher, sempre com a urgência do momento. E depois vieram inevitavelmente os espetadores, numa sequência lógica de dar voz àqueles que rodeiam o projeto.

Todo este projeto é uma imensa prática que se desdobrou em distintos formatos, sendo este também o seu lado político interessante. Em vez de seguir em frente, Raquel deu algumas vezes uns passos atrás para analisar o material que tinha em mãos e pensar de que forma seria interessante expor toda essa prática, isto é, todos os momentos que se vivenciaram até ao objeto final; uma outra forma

4

CATARINA SARAIVA

diferente de olhar a arte, não ir atrás do novo, não ser prisioneira dessa contemporaneidade que faz com que todo o potencial que acima referi se perda, muito também devido ao jogo do mercado. Raquel optou por expandir o seu projeto para outros suportes que não só a cena: um livro, um programa de televisão, um jogo, uma exposição, sem medo de se repetir, sempre com vontade de criar ligações com o contexto.

‘Coleção de Pessoas’ é um arquivo que tem uma atitude crítica de observação. A Raquel constrói o seu próprio arquivo que é, ao mesmo tempo, um repertório, assumindo a ligação ao contexto como uma prática de não cristalização. Através de um sistema de inclusão de pessoas locais e de encontros, cria um dispositivo teatral onde a atualização desse arquivo é de uma importância vital, uma forma de estabelecer um levantamento sociológico de cada contexto de atuação, ao mesmo tempo que cria um rastro no seu próprio arquivo em cada cidade de cada país por onde passa, pondo em prática o que Hanna Arendt defendia que deveria ser o teatro, um espaço de ágora, um espaço político.

Em conversa sobre arquivo de artes cénicas com o antropólogo Ricardo Seiça Salgado, ele chamou a atenção para o que seria um arquivo a la Foucault que defendia que os arquivos refletem o



4

CATARINA SARAIVA

interesse e a visão de quem os detém. Assim, a vida potencial de um arquivo emerge, ou começa, através de um interesse situado num olhar e numa lente específica e, por isso, já é performativo. Foucault torna o arquivo numa máquina de fazer falar e ver, o que ele chama um dispositivo, Raquel criou vários dispositivos que permitem apresentar um espectro de conhecimentos a partir da sua visão pessoal.

E Seiça chama também a atenção para o corpo arquivo de Lepecki, aquele que não armazena, que atua. E por isso voltei a ler o texto de Lepecki ‘Coreo-política e coreo-polícia’. Ainda que ele fale de dança,

4

CATARINA SARAIVA

creio que podemos incluir este trabalho de Raquel nesse conceito, especialmente quando ele refere como a dança — equiparemos com o teatro de Raquel — ao se incorporar no mundo das ações humanas, teoriza inevitavelmente nesse ato o seu contexto social.

É precisamente neste ato, sem consciência do seu potencial, que o projeto ‘Coleção de Pessoas’ se torna um espaço de produção de conhecimento porque transmite as urgências de um momento. Assim a arte entra também em processos de pesquisa semelhantes ao que pode ser uma antropologia ou um estudo sociológico, mas com finalidades completamente

diferentes. O arquivo passa a ser ativado por uma série de seleções que nada mais é do que a construção de uma dramaturgia, e assumir a subjetividade significa falar da história e contexto.

‘Retrospective’ de Xavier le Roy é um belíssimo exemplo disso. Peça pensada para museus, em cada local Xavier trabalha com artistas locais a história pessoal da dança de cada um em relação à sua carreira, e nesse diálogo cada participante vai expondo qual era a sua relação com a dança quando as peças de Xavier estrearam, dando a conhecer o contexto local.



4

CATARINA SARAIVA



Neste sentido, a construção deste arquivo é também — dentro da perspetiva de subjetividade inerente de ativação de documentos — um pensamento sobre o que é interessante transmitir aos outros. Existe no trabalho de Raquel uma curadoria da memória que é construída através da dramaturgia do arquivo, que lhe dá também a possibilidade de criar uma ficção.

4

CATARINA SARAIVA

Durante muitos séculos, a nossa história foi arquivada e difundida a partir de uma perspetiva eurocêntrica, branca e masculina, que foi considerada imparcial. Hoje, sabemos quanto da História foi escondida — da mulher, do negro, do periférico, ninguém fez parte desta História Universal...

Com as práticas de arquivo em artes efémeras, temos a possibilidade de reescrever a história do presente desde uma perspetiva subjetiva. Mas estas criações, aquelas que se relacionam com o social, têm também esse grande potencial de espelhar uma sociedade, tal como é a ‘Coleção de Pessoas’ de Raquel André.

4

CATARINA SARAIVA

© Tiago de Jesus Brás



COLEÇÃO DE ESPECTADOR_S

5

MARINA PREGUIÇA

A primeira vez que vi a Raquel André, e o trabalho dela, foi em 2015, na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II. Ela apresentava a ‘Coleção de Amantes’ e eu, sem planos para uma sexta-feira à noite, deixei-me convencer por um amigo a ir ver o espetáculo. Lembro-me de algumas fotografias projetadas, das calças azuis e do cabelo aos caracóis, mas lembro-me, sobretudo, das duas sensações com que fiquei no final: a primeira era que, um dia, queria escrever um projeto como aquele, cheio de pessoas, histórias e intimidade. A segunda era que, um dia, queria participar num projeto da Raquel. Pareciam-me ambos objetivos ligeiramente inalcançáveis, o segundo muito mais que o primeiro. Como é que se fazia para estar numa coleção da Raquel? Não a conhecia, não conhecia ninguém que a conhecesse... E aqui entra o emoji da boneca com os ombros encolhidos, os braços levantados e um ar de que não vai dar.



© Nuno Gervásio



5

MARINA PREGUIÇA



© DR



© DR

Porém, a vida é irónica, dá muitas voltas e, quando dei por mim, estava a participar num projeto da Raquel. Seis anos depois daquela noite em Setembro, aconteceu que não escrevi um projeto como a ‘Coleção de Amantes’, mas fiz parte da ‘Coleção de Espectador_s’ que esteve em cena na Sala Garrett em Julho de 2021.

Provavelmente, era mais interessante se tivesse uma história inspiradora sobre como, tendo o desejo de participar num projeto da Raquel, tinha ido atrás disso e lutado longa e bravamente para conseguir concretizá-lo. Podia ser mais interessante, mas pouco real. A verdade é que chegar ao palco do D. Maria II com a Raquel e os meus colegas da Coleção foi fruto de uma série de coincidências. Por acaso, estava a passear no feed do Instagram e vi uma publicação sobre as instruções que a Raquel estava a partilhar.

5

MARINA PREGUIÇA

Por acaso, uma amiga comentou que ia haver uma oficina com a Raquel. Por acaso, (ou não, a Raquel o dirá), fui escolhida para o projeto. Por acaso, estava desempregada quando tudo aconteceu e consegui dar-lhe o tempo e atenção que queria.

O que parece não ser por acaso é a forma como todo o processo de construção da ‘Coleção de Espectador_s’ acontece. O tempo que demorámos a conhecer-nos umas às outras, o tempo que levámos a descobrir as nossas histórias, a descobrir se queríamos ou não contá-las e como fazê-lo, o tempo que levámos a perceber que íamos estar no palco, mas não tínhamos de ser personagens, podíamos ser nós próprias e isso era valioso. Todo esse tempo nunca foi acelerado, tenso ou exigente. Nunca foi um peso sobre as costas, uma ansiedade que não deixava dormir ou uma dor de barriga que contorcia. Houve o nosso tempo e isso foi essencial.

Como foi essencial também a escuta e o acolhimento. Quando agora olho para trás, vejo que durante o processo de construção da ‘Coleção de Espectador_s’ aprendi a ouvir mais e a ouvir melhor.

5

MARINA PREGUIÇA

© DR



Aprendi que todas as pessoas são preciosas e que as histórias que têm para contar, de uma maneira ou de outra, são as histórias de todas nós. Aprendi a escutar os outros sem fazer juízos de valor e sem me colocar em bicos dos pés. Aprendi também, não menos importante, a escutar-me a mim própria sem me julgar.

O que move a Raquel no seu trabalho, e arrisco dizer que na vida também, é a curiosidade. Curiosidade pelas outras pessoas, pelas suas histórias, pelo que elas têm para oferecer-lhe e, talvez, pelas mudanças que se podem operar dentro dela depois dos encontros.

Esta podia facilmente ser uma curiosidade interesseira e vampiresca, uma curiosidade que só existe para alimentar um projeto e encher uma sala. Mas não é. É uma curiosidade genuína, autêntica,

5

MARINA PREGUIÇA

permanente e sempre atenta. Ela ouve as histórias que temos para contar e faz-nos sentir que, por mais tontas ou banais que sejam, são as nossas histórias e, só por isso, já são valiosas. O proveito que ela tira de nós e das nossas histórias serve um propósito, claro, há um espetáculo para ser feito. Mas pareceu-me sempre que o espetáculo é uma coisa que surgiu no caminho, quase que por acaso. Que tudo parte, realmente, da curiosidade pelas pessoas e que só depois surgiu a ideia de transformar tudo isso em espetáculos.

O trabalho da Raquel alimenta-se das histórias das pessoas, tira-as da invisibilidade dando-lhes uma voz e, com isso, faz com que elas vivam para sempre.

E esse é o maior presente que pode ser oferecido a alguém.



5

MARINA PREGUIÇA



SOBRE DAR MÚSICA A UMA COLEÇÃO

OU

COLEÇÃO DE
ESPECTADOR_S
BANDA_
SONORA_
EXPORT_

ODETE

6

Há qualquer coisa de fantasmático na evidência de uma gravação. No ouvir difícil de uma cassete recuperada, de um áudio de tele-móvel de há 15 anos atrás, num vinil demasiado usado.

No ouvir de algo que não tem medo de se afirmar como ruína de um passado. Os objetos materiais têm o pó para revelar a sua suspensão de movimento, de tempo. No som existe o equivalente em relação ao “grão” ou ao “crack” do vinil, por exemplo. Este último mais relacionado com o desgaste, talvez mais do que com a suspensão — ainda assim, um revelar de um passado. Este som não é de agora — crack crack crack — este objeto não é de agora — pó.



ODETE

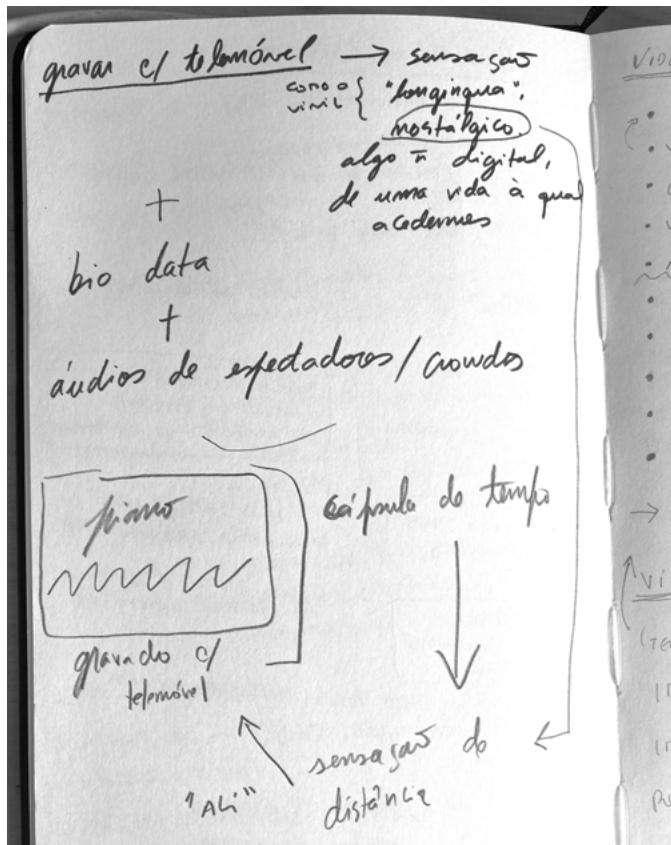
6



mas como usar isso sem falsear
ou seja num trabalho digital, como revelar o próprio tempo?

como revelar que arquivar talvez seja transformar em matéria
aquilo que nem sempre o é

A
L
M
O
S
T
J
O
U
C
H
T
H
I
S



6

ODETE



6

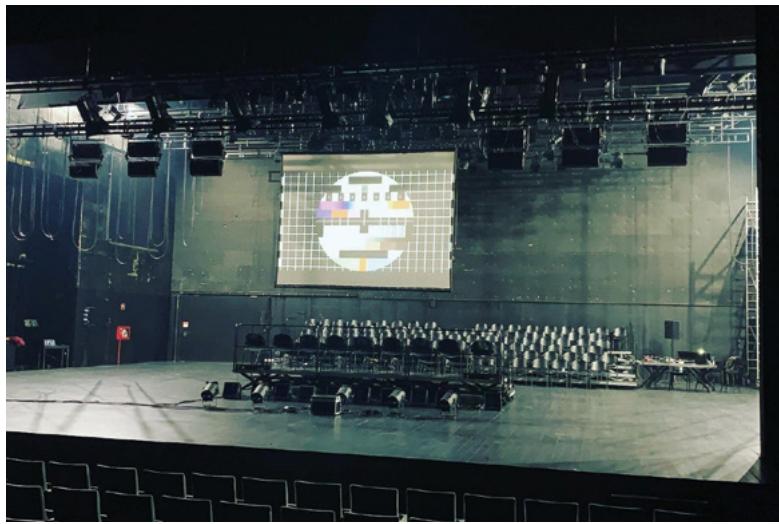
Trabalhar na banda sonora da ‘Coleção de Espectador_s’ foi trabalhar, sobretudo, sobre o tempo. Sobre a sua passagem e as suas implicações. Quis ser fiel aos processos da Raquel, agora que já nos conhecíamos e esta era a segunda peça em que trabalhava. Fazer música para um espetáculo é sobretudo observar aquilo que os artistas que dirigem querem, e tentar ouvir aquilo que existe entre as palavras que desenham o convite. Eu sabia que seria necessário que a música fosse algo que embalasse a presença dos “espectadores” que provavelmente nunca tinham pisado um palco — algo que lhes desse força, sem se intrometer nas suas histórias. Fazer algo simplesmente bonito musicalmente poderia causar sentimentos nos reais espectadores da peça que não eram para ali chamados. Eu não queria que a música fosse meramente contemplativa, eu queria invocar um tempo que as histórias em si tinham — um tempo passado digerido para o presente. Um tempo dilatado, um tempo de mudança interna. Um tempo de metamorfose, quase.

ODETE

6

Queria, sobretudo, que a música falasse desta qualidade que eu atribuo ao arquivo, esta qualidade de algo que já não é, de um tempo transformado em objeto. Desse Pó que os objetos acumulam, dessa camada que cresce quase em volta da própria coisa, que se permite assentar.

(eu sei que quem está ler pode estar a perguntar-se porque é que eu estou a falar disto, mas na verdade sinto que é importante escrever sobre fazer música para espetáculos, porque os processos de criação musical passam invisíveis e acontecem conceptualmente paralelos ao “macro-processo” e há coisas que eu não quero que morram — há coisas que quero também arquivar. Há ideias e processos que quero que fiquem aqui neste livro, e que perdurem porque eu já não confio na minha memória)



© DR

ODETE

6

Como transmitir uma sensação de desgaste, de passado, de tempo quando os meios que eu tenho são digitais? Onde existe algo como esse pó digital sem o falsear com pós-edição? Para mim era importante encontrar esse lugar...

Bastou-me olhar para o meu próprio arquivo
e ver-me

a tirar fotos a sítios e objetos
e a gravar áudios

E esses áudios permitiam perceber um espaço que não o do computador, um espaço que é tempo não-presente tempo invocado para aqui para mim que ouço agora

(é tão simples que parece ridículo estar a escrevê-lo, mas vai Odete vai)

Então
O que fiz
Foi

ODETE

6

compor melodias e gravá-las em vários formatos e com diferente equipamento, tentando perceber qual método de gravação permitia que o tempo se fizesse sentir mais, aceitando a lama sonora e testando os limites da qualidade sonora. Acabei por optar pela mistura de gravação com um gravador ZOOM antigo cheio de White noise e gravação simultânea com o meu telemóvel, também permitindo ao meu processo que revelasse os seus próprios constrangimentos de meios. Não só usar estes métodos permitiu-me aceder ao lugar musical que queria desde o início, como também me permitiu uma espécie de empoderamento na aceitação das condicionantes económicas do processo. Não ter dinheiro ou forma de aceder a equipamento “bom” tornou-se uma ferramenta conceptual.



© Filipe Ferreira

ODETE

6

II.

Para além de tempo, uma coleção de pessoas precisa de...pessoas. Como colecionar alguém musicalmente para além da gravação óbvia da sua voz que, na verdade, é uma gravação sempre incompleta da pessoa. Como guardar alguém que eu não conheço e como transformar esse momento de arquivar, de colecionar, em alimento para a banda sonora. Como fazer isto sem atravessar limites éticos, de extrativismo ou apropriação? Na altura em que fazia a banda sonora para a 'Coleção de Espectadores', um amigo meu falecera. O André, conhecido como o fotógrafo Lisboeta Italiano. Sentindo-me perdida em como fazer o luto, acabei por pegar num instrumento de leitura de bio-data (que convertia informação/pulsações de um organismo vivo em elementos numéricos) e ligá-lo a uma das suas plantas favoritas, tentando ouvir ecos daquilo que ele era naquela planta que estava à minha frente. Deixei que ela cantasse por mim, que ela fizesse uma ode ao André, já que eu estava incapaz.

ODETE

6





© DR

ODETE

6

Gravei a música da planta para que pudesse ouvir sempre que precisasse, ou sempre que quisesse lembrar o André. O tempo passou e a música da planta foi-me acompanhando, fazendo-me pensar em como o luto dera origem a uma outra coisa e como a minha dor e as minhas memórias se iam também elas transformando em realidades que eu não previra. O André passara a existir para além do seu trabalho e daí que eu me lembrava dele, e acabara por existir como intermediário entre mim e outros seres, como catalisador da minha renovada relação com o mundo natural.

Entre tudo isto, o processo da peça da Raquel acontecia. Enquanto caminhava para a primeira reunião, pensava na ideia de colecionar alguém e lembrava-me destes processos que me atravessavam. E se eu usasse este dispositivo para ouvir o corpo dos espectadores com que iríamos trabalhar? Se lhes perguntasse:

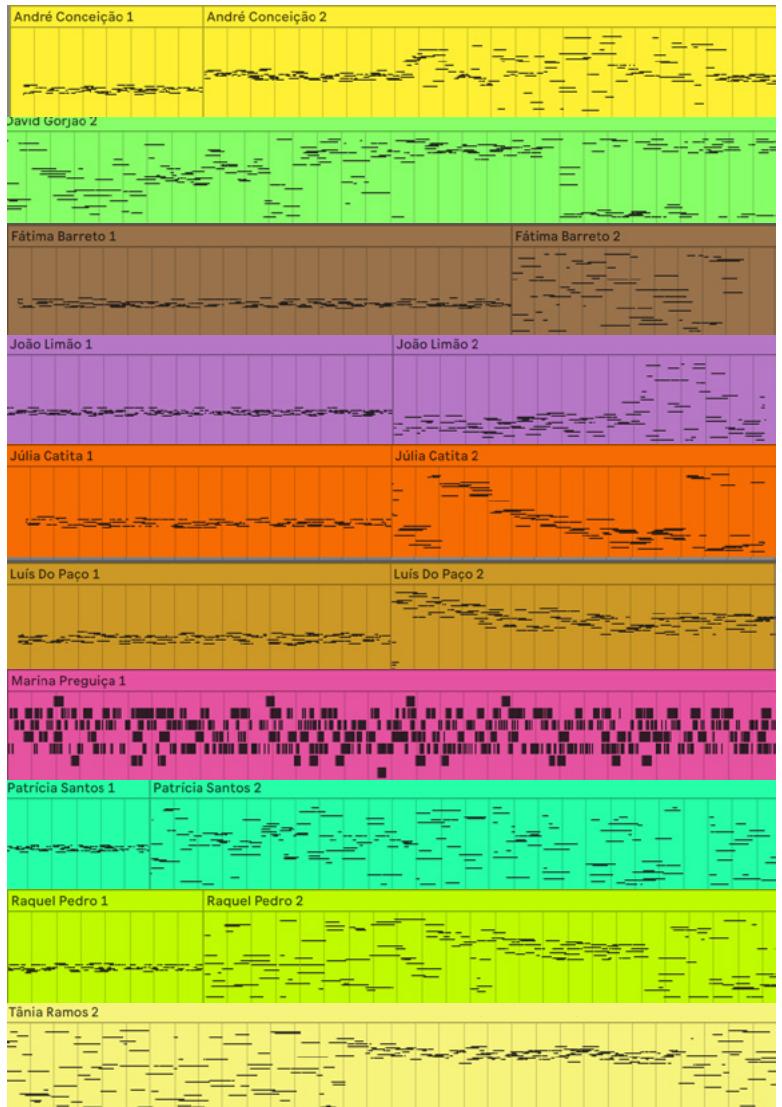
se fosses música, se fosses um instrumento musical, o que serias?

ODETE

6

E ouvisse os corpos deles a permitirem-se ser ouvidos através da resposta a essa pergunta
o que aconteceria?

Segue uma imagem dos mapas MIDI de cada pessoa que gravei:



ODETE



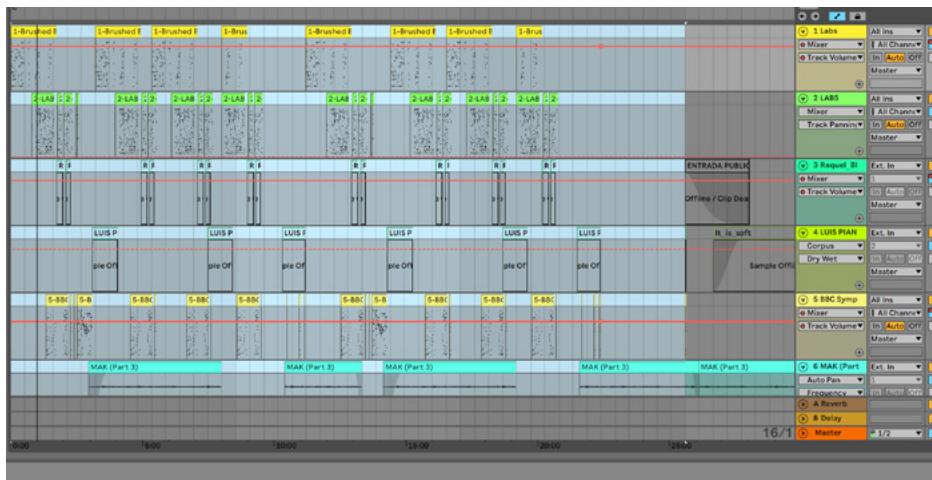
© DR

ODETE

6

III.

Tudo aquilo que gravei se foi transformando na banda sonora do espetáculo.



6

ODETE

O movimento de colecionar as pessoas não foi um de apenas arquivá-las, mas sim de potenciar o próprio ato de arquivar. De transformar aquilo que elas eram numa outra coisa, honrado o próprio movimento da identidade e da vida: honrado o facto de, quando as guardei, aquilo que guardei já não é aquilo que elas são hoje.

E creio que isso foi o que aprendi com a Raquel. Que o arquivo não precisa de ser algo estanque, que podemos dançar com o pó levantando-o, e que podemos rasgar as páginas dos livros e desenhar nelas. Porque as coleções são isso: um ritual contínuo atravessado pelo luto do que constantemente deixamos de ser.



© José Antonio Tenente

ODETE

6

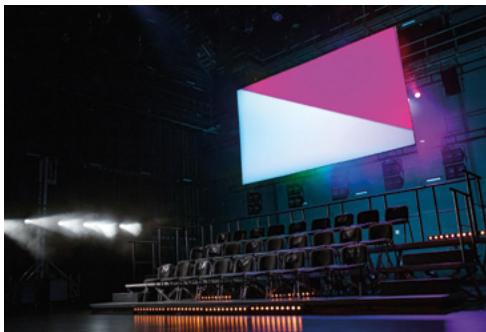
COLEÇÃO DE ESPECTADOR_S

TÂNIA RAMOS

7

A relação entre a memória e a coleção é algo que me inquieta há algum tempo: se por um lado a nossa memória nos ajuda a colecionar momentos em formato polaroid, a mesma memória consegue ser traiçoeira; mudar aquela imagem para outra que lhe pareça mais adequada ou até esconder num qualquer canto do córtex algo que queríamos lembrar com tanta vontade.

A minha avó.



© Tiago de Jesus Brás



© Afonso Sousa



© Afonso Sousa



© Afonso Sousa

TÂNIA RAMOS

7

Existem coisas que nunca iremos deixar de colecionar e que nunca iremos deixar de ir procurar às ondinhas do córtex. Mas também existem coisas que sabemos que, com mais ou menos esforço, vão ficar perdidas.

A voz da minha avó.

Quando comecei a assistir ao trabalho do Tiago Pereira em volta do projeto ‘A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria’, percebi que havia ali algo de mágico. Uma espécie de mago dos Terabyte ia conseguir imortalizar algumas coisas; algumas músicas. Algumas avós.

Escrevo aqui o que muitas vezes já disse — tenho medo de um dia acordar e não me recordar da voz da minha avó. Tenho medo de não recordar a forma como fechava a boca. A forma como descascava a fruta. A forma como todas as manhãs penteava o cabelo e o prendia num gancho.

Somos a última geração das avós que usavam lenço.

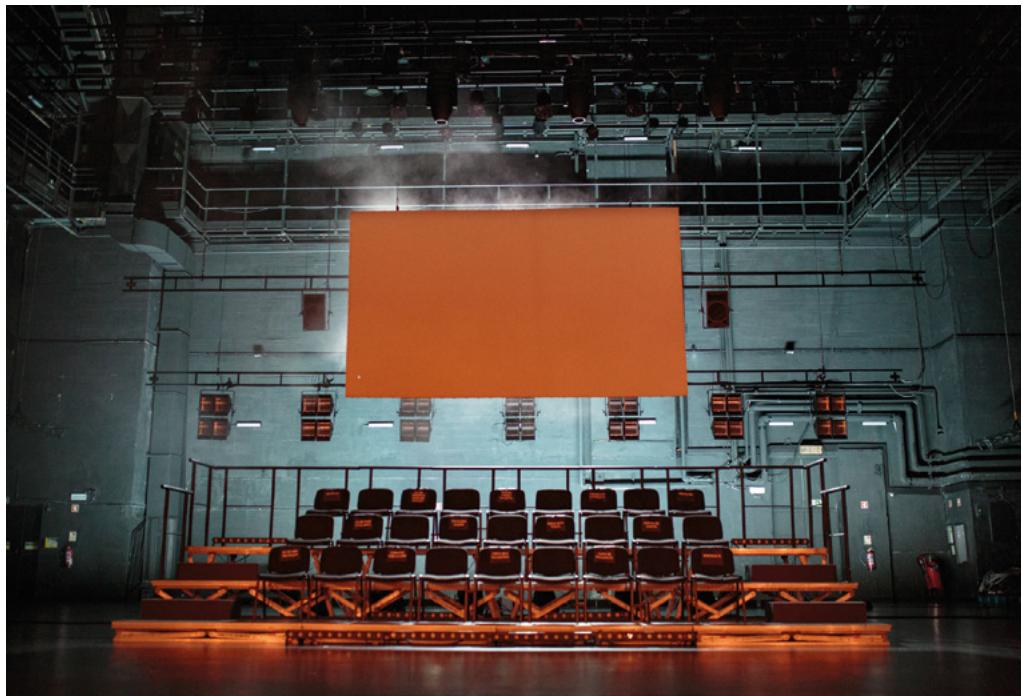
TÂNIA RAMOS

7

Das avós que vestiam de preto para a vida — porque a vida se tornava uma sucessão de perdas dos nossos e não podíamos fazer luto só por um. Das avós que usavam bata — mas que para ir à rua a tiravam — que isto da bata era só para andar por casa.

Somos, cada um de nós, o resultado de todos quantos se uniram para nos criar como somos hoje.

E por isso, trazemos em nós um manancial de informação colecionável. E foi nesta premissa que comecei, timidamente, a ouvir falar da Raquel.



© Tiago de Jesus Brás

TÂNIA RAMOS

7

Primeiro, quando recebi um email da Vera Marmelo a divulgar a ida da Raquel ao Barreiro. Depois, quando fui levada a assistir à ‘Coleção de Artistas’. E ao ouvir falar destes artistas, alguns anónimos, não pude resistir a lembrar-me dela.

A avó, novamente.

As modas de roda, as cantigas da ceifa. O livro ‘Amor de Perdição’, que leu vezes sem conta por ser dos únicos que tinha em nova. E, quando já avó, bastava ler as primeiras palavras de cada carta existente no livro para ela as debitar com a precisão de uma qualquer Alexa ou Siri.

A minha avó foi a primeira colecionadora que conheci. Colecionava amigos, primos, sobrinhos, tios, irmãos, cunhadas. Colecionava família. Tinha o armário do coração muito bem organizado, muito cheio, mas havia sempre espaço para mais uma. A minha avó colecionava pessoas. As dela. As que a tornaram ela.

Nos primeiros meses da pandemia ficámos todos mais alheados. Cada um se tornou uma ilha, e um naufrago na ânsia de se libertar dessa ilha. No dia 25 de Abril, assisti à ‘Coleção de Amantes’ em formato Zoom. Não é de todo a mesma coisa, mas naquele mo-

TÂNIA RAMOS

7

mento senti que revia um pouco do trabalho do Tiago na Raquel. Cada um, à sua maneira, vai colocando no seu caderno de recortes partes de muitas pessoas e vai criando a sua memória estática. A sua memória física, quase palpável.

Quando um mês mais tarde vejo um anúncio de uma oficina, nem li uma única palavra extra — oficina com Raquel André. Quero! Quero trabalhar o olhar, quero aprender a ver de uma forma diferente da minha. Vamos! E inscrevi-me.



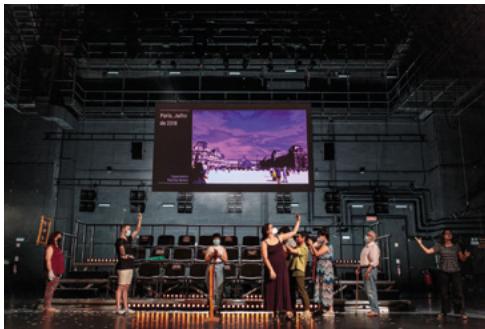
© Tiago de Jesus Brás



© Tiago de Jesus Brás



© Filipe Ferreira



© Tiago de Jesus Brás

TÂNIA RAMOS

7

Num dia, encontrei-me no TNMII com algumas pessoas, fomos partilhando memórias nossas como espectadores. Ri-me. Emocionei-me com algumas histórias também. E saí.

Alguns dias depois, recebo uma chamada — “Olá Tânia, é a Cláudia. Queríamos saber a tua disponibilidade até Julho, foste selecionada.” Voltei ao anúncio. Voltei e li tudo (ai as letras pequenas dos contratos — e estas nem eram pequenas). E percebi que nesse dia fui colecionada. Percebi que nesse dia de oficina de espectadores, eu era já um projeto de espectador, mas era também o objeto de observação da equipa.

Aceitei! Claro, quantas memórias mais poderia conseguir desenvolver? Quantas mais possibilidades de apostar na memória como um fio condutor? No mundo do agora e do imediato poucas vezes abrandamos para pensar no antes.

E ainda hoje é difícil explicar em palavras o que é isto de ser colecionada. Porque esse ato nunca é unilateral e, embora cada um de nós estivesse a ser colecionado pela Raquel, cada um de nós estava a ser colecionado pelos que estavam à volta. Cada um de nós estava a colecionar a Raquel.

TÂNIA RAMOS

7

Começámos as sessões de preparação como se cada um fosse uma ilha. Cada um fosse um naufrago. Como se cada um fosse isolado. E em poucos dias começámos a encontrar os nossos espaços. E, entre eles, as inicialmente invisíveis teias foram aparecendo.

A forma como fomos criando o que foi o resultado final tinha um fio condutor — naturalmente. Mas esse fio foi colocado nas nossas mãos e fomos nós que o fiámos em conjunto. E enquanto fiávamos esse fio em conjunto, íamos também desfiando os fios que nos tolhem os movimentos. As coisas que nos incomodam, que nos coibem. Que nos impedem de avançar. O que gostaríamos de ver mudado.



TANIA RAMOS

Lisboa, Portugal



TANIA RAMOS

Lisboa, Portugal

TÂNIA RAMOS

7

Durante estes quase 12 meses tenho pensado muito de que forma ser colecionada me moldou. Não tenho uma resposta fechada. Sei que fazer parte deste processo criativo deu-me ferramentas muito boas para ultrapassar algumas limitações que sentia a nível laboral — fazer apresentações em público, por exemplo. Sei que me deu uma noção muito mais clara do trabalho necessário para pôr uma peça de pé. De tudo o que está por trás do preço de um bilhete — e de como se calhar doze euros para ver uma peça não é assim tão caro.

O cuidado com que a Raquel tratou as nossas memórias e histórias pessoais mostrou-me a beleza que existe em olhar para a realidade dos outros com os olhos impregnados de compreensão.

Mas a Raquel também fez questão de nos explicar que o que vemos não é só resultado da visão pura e dura. Não é só uma interpretação nossa, individual. É também o resultado do que aprendemos a ver como sociedade. Do que valorizamos mais, ou menos, enquanto membros inseridos numa comunidade mais, ou menos, tolerante, mais, ou menos, multicultural.

Entre as nossas reuniões de preparação, tivemos ainda tempo e possibilidade de assistir a duas peças de teatro juntos. E, já no

TÂNIA RAMOS

7

papel de espectadores encartados, foi também interessante fazer essa caminhada que em tudo era igual a todas as idas anteriores ao teatro: éramos espectadores com um propósito — ser espectador. Mais do que alguém a assistir a uma peça, fomos pessoas a ver pessoas assistindo a peças. A ver a forma como o palco contagia a bancada (Jamais irei esquecer o Maria Júlia do Gil Semedo na peça Aurora Negra).



TÂNIA RAMOS

7

Hoje, 12 meses depois, continuo atenta, a querer colecionar mais. Não tem de ser melhor ou pior. Ou muito ou pouco. Tem de ser o que for bom para mim, no momento em questão. Seja ver uma lágrima de dor ou de riso, seja um abraço de saudade ou de carinho.

Em jeito de resumo, ser colecionada trouxe-me para um lugar onde gosto de estar — um lugar em que eu própria me sinto parte de algo maior, e que ao mesmo tempo me faz querer sair de mim para compreender melhor o outro.

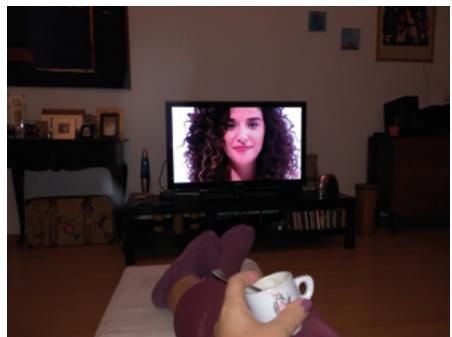
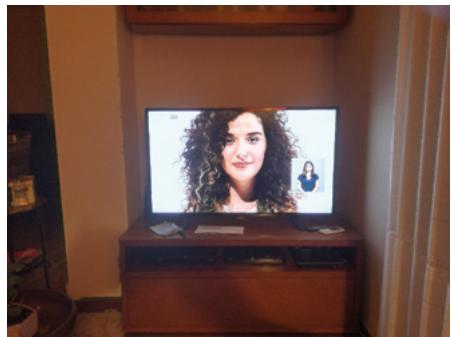
Este é o meu lugar de fala. É o lugar que me formou como sou hoje. O lugar que começou a ser desenhado em muitas tardes e serões com a avó. Provavelmente na cozinha, enquanto ela fazia papinhas de arroz. Provavelmente na sala enquanto ela fazia renda.

De certeza com ela. Com o tom da voz dela. Com o cheiro dela.

O cheiro da minha avó.

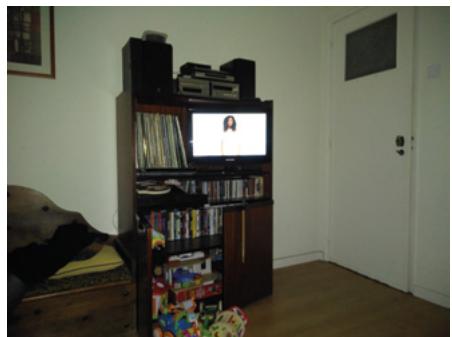
TÂNIA RAMOS

7



TÂNIA RAMOS

7

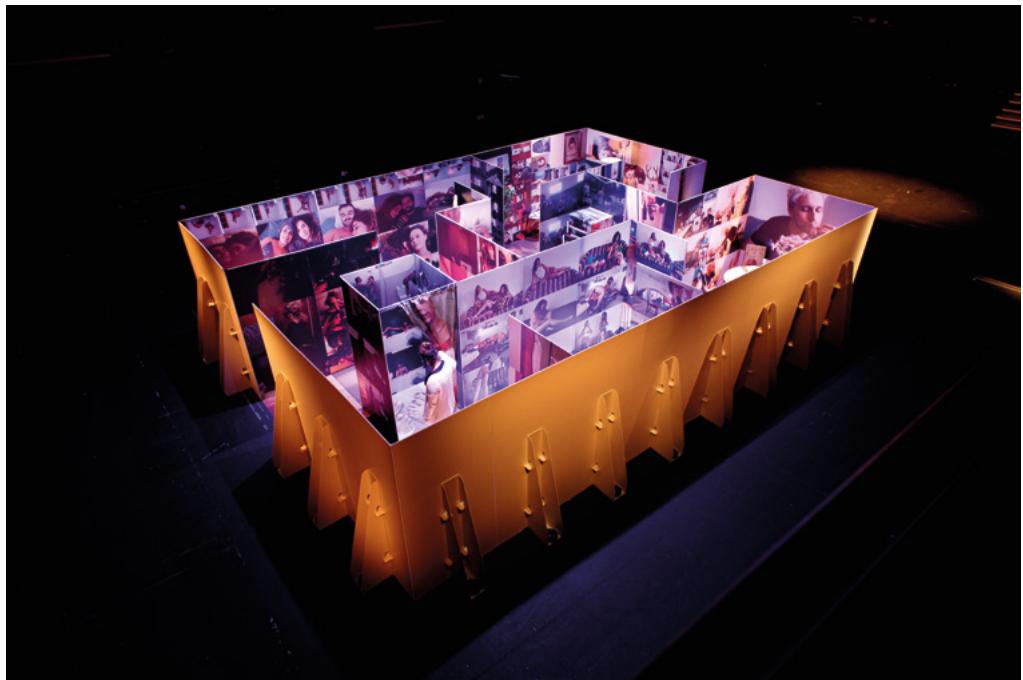


ESFERA E LABIRINTO

8

JOSÉ CAPELA
(EAAD-UM / LAB2PT / MALA VOADORA)

Muito haverá a dizer sobre as coleções da Raquel André — sobre a fronteira entre privacidade e exposição pública nelas explorada, sobre a sua hibridez enquanto obra de “artes performativas”, sobre o ato de colecionar enquanto arte, sobre coleções de pessoas feitas por artistas (lembro-me de Douglas Huebler, por exemplo), sobre



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8

a relação entre eventos e registo, e sobre muitas outras coisas que este trabalho implica — mas eu não sou a pessoa mais habilitada a fazê-lo. Para responder a este simpático convite da Raquel, limitar-me-ei a referir-me à minha experiência enquanto cenógrafo da instalação ‘Coleção de Amantes’, na qual fui acompanhado pelo António Pedro Faria, e sobretudo à relação entre esta instalação e arquitetura.

1. IMAGENS DE CASAS

As imagens que os arquitetos divulgam dos seus projetos de habitação são muitas vezes contrárias à própria ideia de “habitar”. Os espaços surgem esvaziados do que poderiam ser marcas da vivência humana, muitas vezes até mesmo de móveis, e as figuras humanas, nas raras vezes em que são incluídas nas imagens, são reduzidas a vultos em movimento, desfocados, quase fantasmagóricos. Este facto coloca em evidência o antagonismo entre o modo como os arquitetos pensam nos espaços — desejavelmente assépticos — e as vicissitudes do quotidiano, assim remetidas para o âmbito da adversidade. Sonha-se com um mundo impoluto, para o qual se criam formas também impolutas.

Quando a Raquel me convidou para fazer uma casa com os milhares de fotografias que foi juntando como testemunho dos seus encontros com “amantes”, lembrei-me desta dicotomia espaço/vivência. Também as fotografias da Raquel mostram invariavelmente espaços

8

JOSÉ CAPELA

domésticos, mas, ao contrário das fotografias de arquitetura a que estava a referir-me, aqui os espaços apresentam-se tal como são na realidade: como suportes para aquilo que neles acontece. Eles surgem a ser usados para comer, tomar banho, estar sentado ou deitado a conversar, para a intimidade, para a diversão. Estão atrás daquilo que acontece.



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8

Usar estas fotografias da Raquel para, com elas, montar uma casa significava, portanto, colocar em diálogo dois tipos diferentes de espaços: os das casas dos encontros, representados nas fotografias, e os novos espaços que iríamos criar para serem usufruídos pelo público da instalação. Através destes últimos, as pessoas iriam ter acesso a um testemunho visual dos primeiros, entretanto remetidos para o campo das memórias da Raquel e dos seus amantes. Em rigor, o que resultou deste trabalho não foi uma “exposição”, mas sim uma “instalação”. Não se criou um dispositivo para, sobre ele, se mostrar as fotografias; criou-se, sim, uma casa feita de imagens. Paredes, chão, móveis, pratos, canecas, guardanapos, roupa de cama, almofadas, a cortina do duche, a bancada da cozinha, o frigorífico, candeeiros, peças sanitárias... — tudo foi feito de fotografias.

2. QUADRICULADO E MEMÓRIA

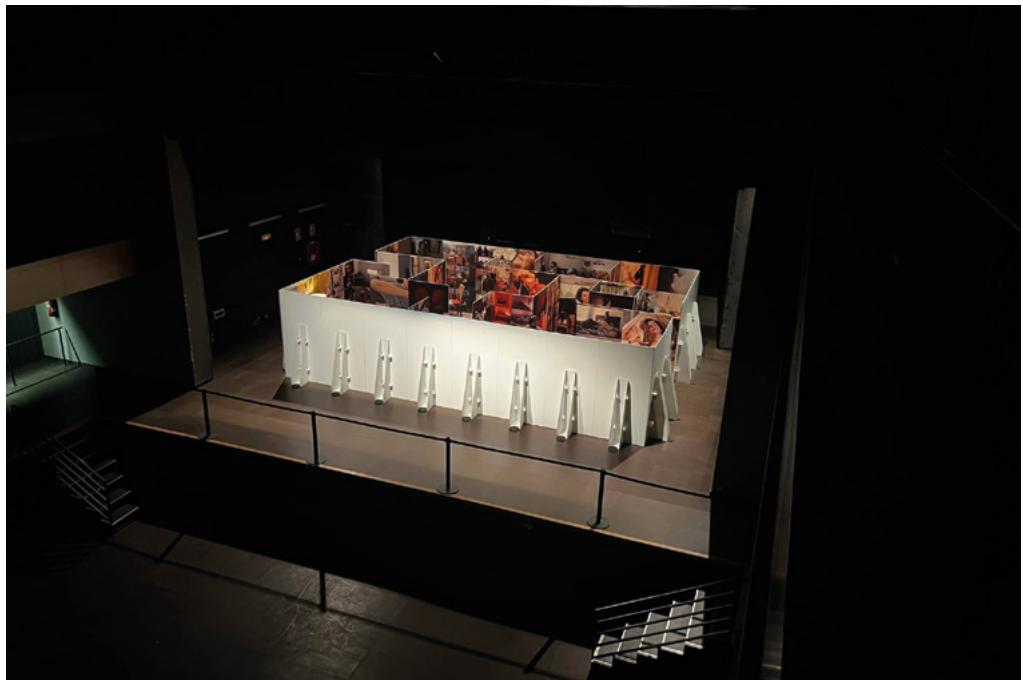
Apesar de a matéria prima para construir esta casa ser visual (tanto quanto é possível separar uma imagem do seu suporte), tivemos de confrontar-nos com a construção propriamente dita — com um tipo de construção mais próximo do dos arquitetos. Era importante garantir que fosse fácil montar e desmontar a exposição, bem como transportá-la, pelo que resolvemos construir todas as paredes recorrendo a um sistema modular, ou seja, um sistema no âmbito do qual as formas são compostas através da combinação variável de elementos semelhantes, como um “Lego”. Optámos por usar

8

JOSÉ CAPELA

painéis com um metro de largura e dois metros de altura, empilháveis e embaláveis, e associáveis sobre um pavimento organizado em quadrados de um metro por um metro. Recorremos

assim a um modo de criar espaços com múltiplos antecedentes históricos, entre os quais: (1) os tatamis (com origem no século VIII) a partir dos quais se deduz a forma das casas tradicionais



© DR

JOSÉ CAPELA

8



© DR

JOSÉ CAPELA

8

japonesas — uma prática que remonta ao século XVI; (2) mais tarde, na Europa, a adoção de matrizes quadriculadas no âmbito da sistematização neoclássica da arquitetura; e (3) os sistemas de pré-fabricação de era industrial, iniciados no final do século XVIII, com grande desenvolvimento com vista à criação de grandes espaços e infraestruturas no século XIX, e explorados pelos arquitetos modernistas em programas de habitação democrática no século XX.

São histórias de racionalidade. Deve referir-se, contudo, que a racionalidade do sistema modular não visou, para nós, a criação de espaços simples, clarividentes, mas sim de um labirinto. Os painéis foram usados para inventar um espaço com alusão às funções tradicionais de uma casa — cozinha, sala de jantar, sala de estar, quarto, quarto de banho e escritório — que, no seu conjunto, se ligavam num percurso contínuo e labiríntico. O sistema é matemático, mas o uso do sistema visou a desorientação. Desta nossa opção para a instalação da ‘Coleção de Amantes’, resultou um triângulo entre a racionalidade do sistema modular, rigorosamente cartesiano, a qualidade emocional das imagens e, enfim, a experiência espacial do labirinto. Ao mesmo tempo, poderá encontrar-se um paralelismo entre a natureza labiríntica do espaço e as centenas de fotografias — (1) também elas causadoras de alguma desorientação devido à sua presença excessiva e (2) todas elas parte de um universo tão labiríntico como a memória.

8

JOSÉ CAPELA

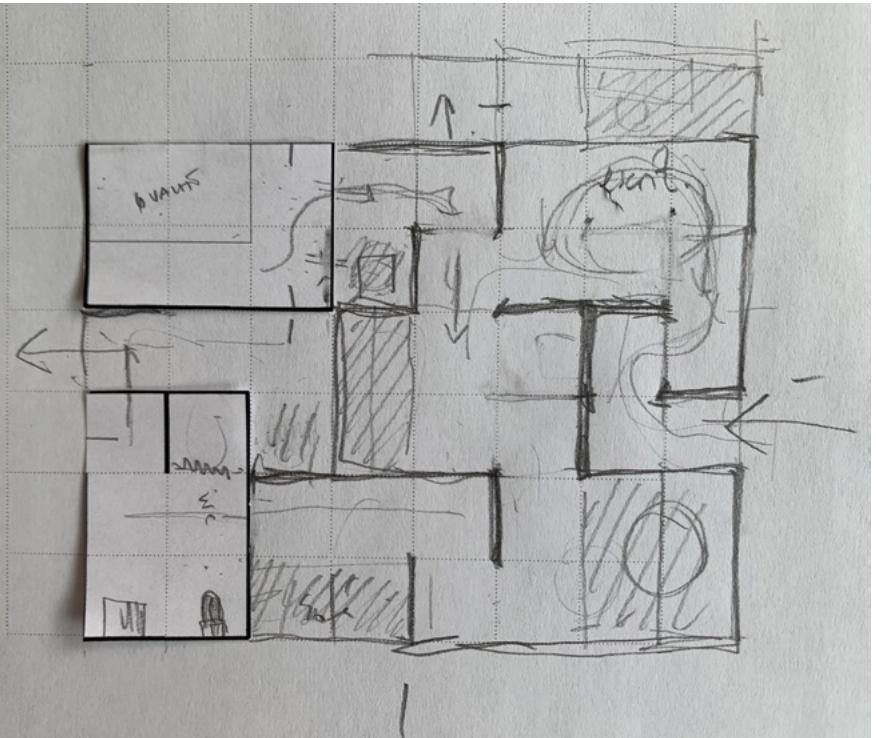
Apesar de este projeto não poder ser identificado como sendo “arquitetura”, parece-me mais interessante pensar numa casa a partir desta complexidade espacial e emotiva, do que a partir de uma qualquer pureza formal.



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8



8

JOSÉ CAPELA

3. CENOGRAFIA

Talvez por reação à virtualização da fotografia própria das redes sociais e dos programas de edição de imagem, ou talvez porque a tecnologia digital evoluiu no sentido de poderem criar-se fenómenos virtuais 3D no espaço, o discurso sobre cenografia encheu-se há alguns anos da palavra “imersivo”. Trata-se de um regresso a uma “cenografia de entretenimento dos sentidos” em muitos aspectos semelhante ao auge do ilusionismo cénico dos palcos à italiana, ou seja, de um regresso àquilo a que Brecht chamou “teatro burguês”. Pessoalmente, estou mais interessado na reconsideração das imagens face a este novo contexto de virtualização e, designadamente, naquilo a que se tem chamado “fotografia pós-internet”: o regresso da fotografia à sua condição material e espacial. Julgo que posso inscrever esta experiência de trabalho com as fotografias da Raquel e dos seus amantes a um âmbito semelhante a esse — o da fotografia “pós-internet”. E essa conduziu-nos a um objeto ambíguo, feito de imagens (como a cenografia clássica) e, simultaneamente, imersivo.

8

JOSÉ CAPELA

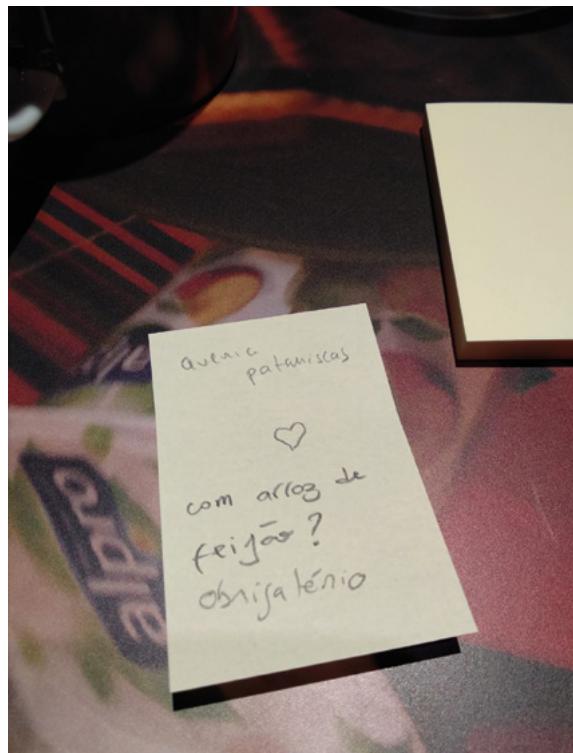


© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8

COM ARROZ DE FEIJÃO



MIGUEL BRANCO

9

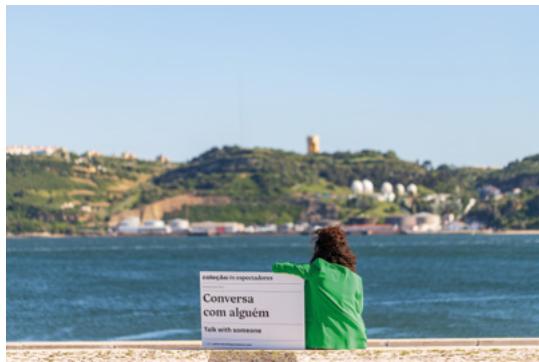


MIGUEL BRANCO

9

Esperava que descesse as escadas. Ansioso, de auscultadores nos ouvidos, adivinhava qual seria a primeira imagem, se usaria sneakers, botas, botins, sabrinas — rezava para que não fossem sabrinas, não sei explicar, não gosto. Vestia e despia o casaco a cada minuto que passava. Afinal, os teatros são sítios abafados, mas naquele dia não conseguia decidir se tinha frio ou calor — talvez não fosse uma questão de temperatura. Gostava de ter contado o número de vezes que desbloqueei o telemóvel, liguei os dados, abri o WhatsApp, abri o browser, para depois voltar a desligá-los. Dali não vinha nada, mas a minha mão continuava a insistir. Se estivesse na rua, teria fumado sem parar, será que ainda tenho tempo para subir? Esperava que descesse as escadas.

A espera, se lhe dermos tempo, torna-se sempre auto-sabotagem. Por que é que vieste sozinho? Por que é que quiseste enfrentar o desconhecido e o desconfortável? Agora aguenta-te, espertinho. Sempre gostei de almoçar sozinho, lembra-me. Se para muita gente, o momento da refeição, em não havendo companhia, é uma prova de esforço, uma travessia penosa, para mim sempre tinha sido um lugar plácido, de tessitura interior. Não é que estar comigo conferisse prazer, não é que fosse um barco ao sabor da harmonia — nunca foi, nunca é —, mas com um garfo, uma faca e um prato à frente sempre senti que estava protegido, sempre acreditei que os grãos de arroz acabariam por estar no sítio certo. Não sei se pensava nisso naquele momento, acho difícil recordar-me com tanta exatidão, mas para efeitos deste texto vamos assumir que sim. Só podia estar a convencer-me que tinha feito bem em ir sozinho.



MIGUEL BRANCO

9

Desceu as escadas. Calçava botas com um ligeiro salto. Usava uma camisola verde — já não sei dizer em que material. As calças não me pareciam exatamente à boca de sino, mas era notório que alargavam na parte de baixo. Tirei os auscultadores para dizer boa tarde e tentei não parecer agitado. Os assistentes de sala abriram as portas e ali estava eu em frente ao palco, hoje camouflado de casa. Ali estávamos nós, melhor dizendo. Éramos os intérpretes. Assim que a voz da Raquel nos deu as primeiras ordens senti o meu fôlego a dar-me descanso. Entrei e sentei-me num cadeirão próximo. Numa mesa de apoio ao lado, um lápis e um bloco de post-its. Hesitei, mas não resisti: “não sei por que estou a escrever, mas achei que o devia fazer. Beijo, Miguel”. Colei. Observei as fotografias daquele corredor, coscuvilhei os livros, demorei a levantar-me, seria uma quebra de tensão? Embora já tivesse visto grande parte daqueles retratos, embora tivesse estado presente num dia de montagem da ‘Exposição de Amantes’, sentia aquela vertigem do antes e depois, aquela tontura perante o quadro finalizado.

Segui, em direção ao quarto. Toquei na colcha para sentir se era de confiança — precisamos de confiar nas colchas. As almofadas, com fronhas onde continuava a estar a Raquel, eram macias. Não ousei deitar-me apesar da sugestão da Raquel pelos auscultadores — julgo que utilizei a desculpa “estou cansado, e um rapaz aniquilado pelo neoliberalismo urbano-depressivo não pode dar-se ao luxo de esticar as costas, ainda adormeço para aqui”. Passei pela casa-de-banho,achei a cortina do polibã linda, objeto que abri e fechei várias vezes, talvez para confirmar se permanecia bela nessa configuração. Estava sozinho. Só voltei a lembrar-me que estava acompanhado quando vislumbrei uma sombra do outro lado da casa. Já na cozinha agarrei outro post-it: “Queria pataniscas”, e desenhei um coração. Investiguei todos os frascos de especiarias — há lá coisa mais importante do

MIGUEL BRANCO

9

que perceber como é que as pessoas temperam. Queria engolir toda aquela intimidade. Outro post-it que colei na porta do frigorífico, não recordo o que escrevi, mas aposto que fazia referência à cerveja que



MIGUEL BRANCO

9

não encontrei no seu interior. Nos auscultadores, a Raquel voltou a indicar-me o quarto. Onde estava quem desceu as escadas. Tenso. “Olha a pessoa à tua frente durante trinta segundos, sem desviar o olhar”, pedia a Raquel. Nesse momento, roguei-lhe pragas, à Raquel, claro. Quer dizer, eu tinha cumprido o propósito, tinha vindo sozinho, tinha querido jogar a isto, viver a experiência no seu todo, mas agora sentia-me completamente exposto, suava, reparava em quem desceu as escadas, também agitada, desviando o olhar, será que também gostava de almoçar sozinha? Aqueles trinta segundos pareceram dois anos. Se fosse um confronto, acho que teria ganho — a necessidade de ganhar, para quê?

“Escolhe uma peça de roupa ou um objeto e tira uma fotografia com a pessoa à tua frente”, foi a ordem seguinte. Não faço ideia da minha escolha. Sem tirarmos os auscultadores, registámos o momento, com o telefone dela. Depois, pedi-lhe que nos movêssemos até à cortina do polibã, para aí tirar a minha fotografia. Contemplámos o resto da casa em conjunto, ambos gostávamos de mexer em tudo, isso era evidente. “Com arroz de feijão?”, escreveu no post-it que tinha deixado na mesa da cozinha. “Obrigatório”, escrevi por baixo. Era como se aquele fosse um território sagrado, como se não pudéssemos tirar os auscultadores, como se as regras instituídas superassem o desejo de perguntar nome, idade, talvez signo. Seria de novo o neoliberalismo? A arquitetura? Ou a vergonha? A nossa falta de ousadia?



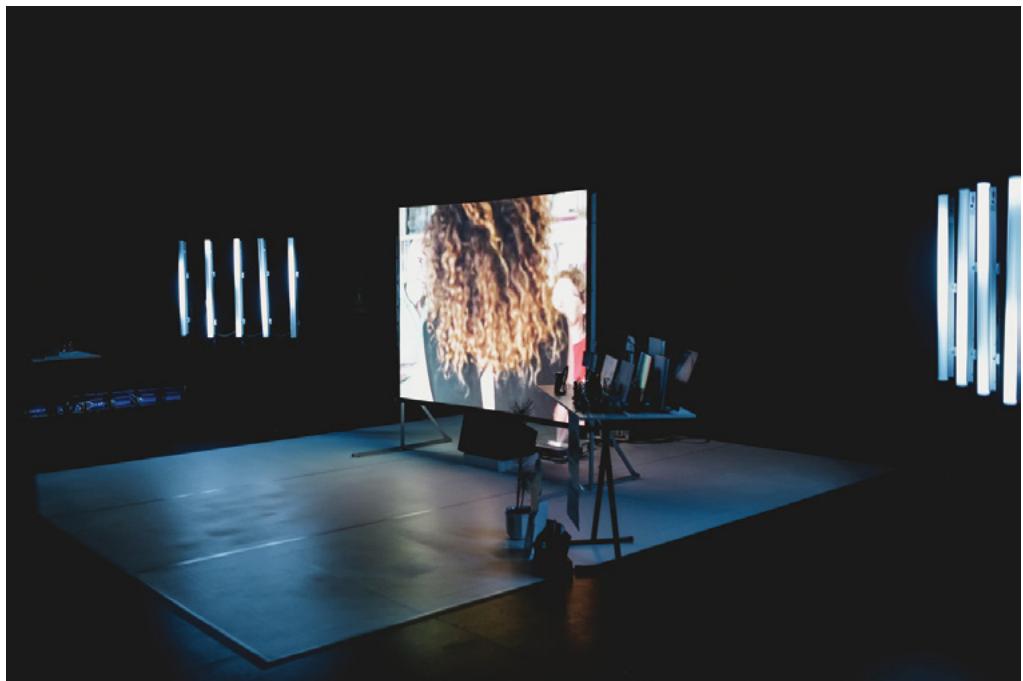
9

MIGUEL BRANCO

À saída, a Raquel pisca-me o olho à entrada do teatro, não querendo interromper a conversa, espécie de resumo do que ambos tínhamos sentido.

- Era ela, não era? Ali na porta — perguntou-me.
- Sim, sim — respondi timidamente.
- É, eu não conhecia, ela costuma fazer esse género de trabalho? — atirou meio para mim, meio para um trabalhador do teatro que se encontrava à porta.
- Isso é melhor perguntar-lhe a ele, que ele é jornalista — responde o trabalhador, fazendo como que eu corasse infinitamente.
- Você é jornalista? — questiona.
- Não, não, já não, mas fui, sim — retorqui.

Tramado pelo trabalhador, expliquei tudo. O trabalho da Raquel, como a tinha conhecido, como era importante para mim, que lugar tinha a ‘Exposição de Amantes’ no seu percurso artístico. Estava em Portugal há pouco tempo, e sentia alguma dificuldade em saber que espetáculos ver, que artistas devia seguir, que programações devia consultar, que teatros devia visitar. Conversámos durante algum tempo, entre cigarros e pensamentos suspensos. Não sabia que podia ser tão tímido. Mania que sou engraçado e extrovertido. É possível ser-se profundamente tímido e extrovertido, não sei se sabiam. Pediu-me o número de telefone, seria o seu consultor artístico. Despediu-se.



MIGUEL BRANCO

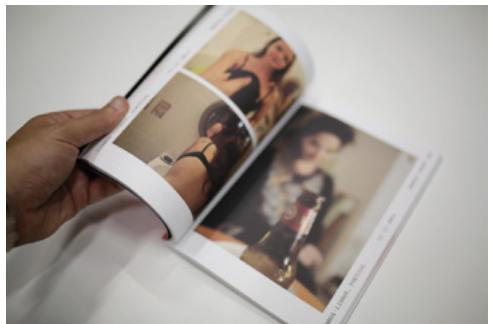
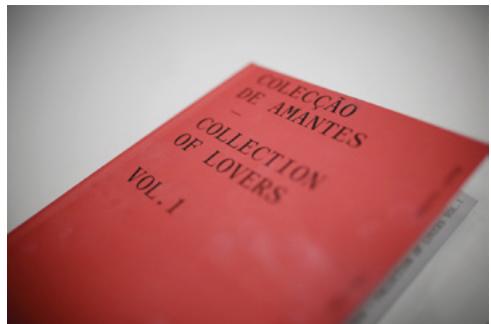
9

A Raquel veio imediatamente ter comigo, queria saber tudo. Era isto. O que tinha acontecido era o trabalho da Raquel. Tenho dito algumas vezes e repito: o trabalho da Raquel é uma proposta para que vivamos de outra forma, mais profunda. Nos relacionemos de outra maneira. Procuremos lugar menos confortáveis, que afinal se revelam tão curiosos e abissais.

Chamava-se Flora. Umas semanas mais tarde, fomos ao teatro. A Raquel estava duas filas atrás.

MIGUEL BRANCO

9



MIGUEL BRANCO

9

VÊ-LA CHEGAR

ANA VEIGA RISCADO

10



coleção/de/espectadores

INSTRUÇÃO/INSTRUCTION 02

**Guarda uma
coisa minha**

Keep something of mine

e info collectionofspectators.com

© Tiago de Jesus Brás

ANA VEIGA RISCADO

10

Ontem assisti a um trabalho de um dos meus criadores favoritos. Sofri nos primeiros trinta minutos, pois nada me parecia acontecer. Pensei: Vá lá, preciso que não me desapontes. Sei que estás velho, mas há que envelhecer como os melhores vinhos, não? Depois de pensar isto, só me lembro das palmas. No final disse-lhe: “I really not saw it coming”. Aqueles trinta minutos iniciais não eram só os primeiros trinta minutos de uma peça, neles estavam contidos todos os elementos da linguagem teatral que iriam desdobrar-se nos minutos seguintes.

Ficar perto. A Raquel André usa esta fórmula para colecionar, e este é também o único modo de observar e pensar o seu trabalho. Sendo ainda muito recente o tempo em que estou perto dela, ainda dou por mim tantas vezes a pensar: quem, no seu perfeito juízo, se iria propor a colecionar pessoas enquanto prática artística? Quem teria assim tanta curiosidade e fé na humanidade? Pois, a Raquel, ao que parece. Está certo que o teatro é uma prática comunitária e de comunhão, que é uma arte viva, feita de pessoas para pessoas, mas daí até querer abarcar, e embarcar na sua jangada, todas as histórias do mundo, é toda uma outra coisa.

Também nunca vamos saber, como a história do ovo e da galinha, o que aconteceu primeiro: se o seu trabalho, se o seu modo de viver artisticamente. São a mesma coisa? Talvez, num primeiro olhar, mas no final dos tais trinta minutos iniciais percebemos que não são. Percebemos que a Raquel André, agora com 36 anos, tem atrás de si um percurso que nos revela que ela, desde que se entende como gente, todos os dias saltou da cama para ir fazer alguma coisa relacionada com o seu trabalho: ler mais um livro, organizar mais um arquivo de imagens, fazer mais um orçamento, mais uma candidatura, mais um post nas redes sociais a anunciar o próxima apresentação, ligar a uma amiga para combinar almoçar, ver um filme, ver uma exposição, pensar nos próximos passos. Será que quem vive inteiramente de um modo artístico conseguiria ativar, experienciar e documentar em peças de teatro, vídeos, livros,



© Tiago de Jesus Brás

ANA VEIGA RISCADO

10

websites, quatro Coleções — de Amantes, de Colecionador_s, de Artistas, de Espectador_s — que por esta altura já devem representar milhares de histórias, de fragmentos efémeros, de perguntas, de lugares, de emoções?

No seu mais recente trabalho, a ‘Exposição de Amantes’, escutamos a voz da Raquel a guiar-nos na casa-labirinto forrada de fotografias, imagens que cristalizaram uma intimidade partilhada com os seus amantes. Ela pergunta-nos: “Será mesmo possível registar uma intimidade? Não terá ela acontecido no momento imediatamente antes, ou imediatamente depois, daquela fotografia?”. E eu pergunto: “Não será esta sugestão do que poderia ser, o que faz da arte, Arte?”

Neste tentativa escrita de tentar mais uma vez definir, agarrar, nomear o trabalho artístico da Raquel André, ficam-me mais perguntas. Como consegue colocar-se ao serviço da sua Arte, dar conta dos seus afetos e dos dos outros, ouvir histórias de amor e sucesso, mas também de abuso e violência, aplicando a metodologia da coleção para a criação cénica em teatro? Como consegue fazer todo este trabalho e oferecer generosamente ao público o que descobriu? Como é que alimenta todos os dias a curiosidade para conhecer o outro, num mundo virtualizado, onde nos escondemos atrás dos ecrãs e somos cada vez mais versões de nós próprios, e não nós próprios? O que quer a Raquel contar? O que quer a Raquel documentar? O que quer provar? Uma autenticidade? A capacidade de nos auto-enganarmos? Os momentos em que nos rendemos? As imagens que construímos sobre nós próprios? Os lugares que imaginamos? As pessoas que gostaríamos de ser?

Não sei, “I can not see it coming”, contudo sei que a Raquel é a artista que está a escrever esta história, a construir este legado, esta comunidade de Pessoas, e que o que ela está a fazer vai servir-nos a todos de farol, nos momentos menos esperançosos e nos momentos de celebração, será pura alegria e prazer.

Saravá Raquel!

ANA VEIGA RISCADO



© Tiago de Jesus Brás

ANA VEIGA RISCADO

10